Entrevista: Professor Avaliado – E 3

Sexo	Idade	Grupo de docência	Anos de serviço	Escola
Feminino	47	910	22 (10 anos em geografia)	Distrito do Porto

Depois de uma conversa informal com a professora avaliada demos início à nossa entrevista.

Eu: Vamos então dar inicio à nossa entrevista?

Entrevistada: Sim, claro!

Eu: Importa-se que lhe faça algumas perguntas sobre a forma como decorreu o seu processo de avaliação?

Entrevistada: Com certeza!

Eu: O ano passado decorreu o processo de avaliação de professores. A professora pediu para ser avaliada, teve aulas assistidas?

Entrevistada: Sim! Sim.!!!

Eu: De que forma foi preparado o seu processo de avaliação de desempenho?

Entrevistada: Eu participei, inclusivamente, na construção dos instrumentos que serviram depois para a avaliação. A escola foi pioneira no aderir à avaliação e por isso logo o ano passado, em setembro, foram construídos os instrumentos. Como não havia experiência, nem havia instrumentos modelo, além dos que a DGIDC enviou, nós fomos construindo os nossos. A coordenadora reuniu o grupo e pediu ajuda, para a construção dos documentos. E foi com base nesses documentos que decorreu a avaliação.

Eu: Muito bem! Em que momentos reuniu com o professor avaliador para refletir e regular o processo de avaliação de desempenho?

Entrevistada: Nunca!!! (sorriu) Depois deste processo nunca. O que aconteceu foi que eu solicitei as aulas assistidas. Quando produzimos os documentos, não tinha sequer entregue nada. Depois no final do 1º período, era o tempo necessário para entregar os objetivos e solicitar as aulas assistidas. Altura em que o fiz e a partir daí não tive mais contacto formal com a minha avaliadora, a não ser, porque era minha coordenadora e portanto em reuniões de trabalho, mas que não tinham a ver com a avaliação de desempenho.

Eu: Nunca reuniram antes das aulas assistidas, para tirar dúvidas, definir estratégias...

Entrevistada: Não!!!

Eu: Nunca denotou, preocupação da parte do seu avaliador em esclarecê-la?

Entrevistada: Isso sim! Se eu a tivesse solicitado com certeza. Não foi na altura algo de que tivesse necessidade. Achei que a minha participação na construção dos documentos era suficiente. Na altura das aulas assistidas, e porque eu até já tinha tido aulas assistidas noutras duas ocasiões, na altura da profissionalização em Geografia e depois quando fiz a Formação Pessoal e Social, não me pareceu que agora fosse muito importante.

Eu: Foram sugeridas estratégias de remediação/atuação após a observação de aulas?

Entrevistada: Não! Não houve qualquer conversa. Aliás não era permitido falarmos depois das aulas assistidas.

Eu: Não era permitido? Nunca reuniram para refltir?

Entrevistada: Não! (Muito segura de si) Não era permitido!

Eu: Que tipo de registos /instrumentos foram utilizados neste processo de acompanhamento/regulação da avaliação do seu desempenho?

Entrevistada: Havia uma ficha de observação. O avaliador levava essa ficha de observação e depois havia outra ficha onde pura e simplesmente havia vários itens. Já sabia que o avaliador a única coisa que fazia era ver se em relação aquilo dos itens tinha acontecido ou não. Depois havia uma grelha para avaliação do conselho executivo, pelo presidente ou por alguém designado por ele e era isto pronto. Depois havia ainda uma outra grelha que conjuntamente, a coordenadora e um elemento do conselho executivo preenchiam para a avaliação do meu desempenho, para além das aulas assistidas.

Eu: Esses instrumentos tiveram a sua colaboração?

Entrevistada: Sim!

Eu: Alguma vez sentiu ao longo deste processo que alguém, algum dos intervenientes assumisse o papel de líder?

Entrevistada: O Presidente, o Conselho Executivo, claramente! Acho que algumas das questões, por exemplo, as grelhas, embora eu tenha participado na sua elaboração, havia questões com as quais eu não concordava. Havia indicações muito claras do que é que lá tinha de estar. Depois era o ajustar ao meu grupo profissional, o que é recente e não há muita coisa feita, que é a Educação Especial. Quanto à elaboração do portefólio, acho que foi pouco claro aquilo que era necessário fazer. Foi-nos dito que cada um fizesse como

quisesse e depois no final foram avaliados determinados itens que não foram esclarecidos ou que lá não estavam.

Eu: Não havia modelo... (interrompendo)

Entrevistada: Não! Não havia modelo. Cada um fazia como bem o entendia. Mas a verdade é que depois foram avaliados determinados itens que não foram claramente clarificados. Por isso senti-me um bocado perdida, sem saber o que lá pôr. Houve falhas da minha parte aí, porque de facto havia coisas que não eram importantes, mas afinal eram e eu não as coloquei.

Eu: Concordou com o resultado da sua avaliação?

Entrevistada: De alguma forma! No Conselho Pedagógico disseram que a avaliação não tinha de ser formativa. Claramente que não era formativa e por isso era só uma avaliação *per si* . Aí o meu grande descontentamento porque eu considerava que no final deste processo, na entrevista que eu requeri, queria saber exatamente quais eram os pontos que eu poderia melhorar e isso não me foi respondido. Disseram-me que não era intenção desta avaliação fazer uma avaliação formativa.

Eu: Solicitou uma entrevista ao seu avaliador?

Entrevistada: A entrevista ocorreu, mas não me disseram quais eram os pontos que eu poderia melhorar.

Eu: Perguntou porquê?

Entrevistada: Sim! Responderam-me que não fazia parte da natureza desta investigação.

Eu: Muito bem! Como se desenvolveu o trabalho de preparação de aulas, a recolha de materiais, a construção de instrumentos (testes, fichas, etc...) Como preparou os instrumentos para as aulas?

Entrevistada: Com base naquilo que era a minha experiência e aquilo que eu faço regularmente. Não alterou nada. Perguntei-me o que é que eu vou fazer nesta aula. Foi-me dito que a aula ia ser assistida. Imagina, a disponibilidade da coordenadora era 5ª feira às 11 horas e portanto nessa hora os alunos que eu tinha, por acaso o que eu ia dar aos alunos era matemática. Tinha um plano de aula com o que eles iam fazer e a metodologia que ia utilizar. O plano de aula era dado à avaliadora quando ela vinha e embora lho enviasse por email, acabava por ter de lho entregar na altura. A aula decorreu com toda a naturalidade. Isso não me trouxe qualquer tipo de angústia.

Eu: Portanto, a marcação de aulas não teve o seu acordo, não foram negociadas consigo?

Entrevistada: Não! Era no dia tanto, às tantas horas.

Eu: A avaliação de desempenho implicou mudanças nas práticas de trabalho e colaboração entre os professores?

Entrevistada: Não! No meu caso, não. Nada !! Eu fui a única que no meu grupo pediu aulas assistidas.

Eu: Teve oportunidade de partilhar experiências com o professor avaliador e com os seus colegas também avaliados?

Entrevistada: Com o avaliador, nem pensar! Não podia haver qualquer tipo de conversa sobre a aula assistida.

Eu: Não podia haver, porque eram as regras da escola,..... não podiam reunir para refletir sobre aquele momento de observação de aula ?

Entrevistada: Não! (Com muita firmeza) Eram as regras da escola!

Eu: Durante este processo, como avalia a sua colaboração com os seus colegas também avaliados, quer ao nível de grupo, de departamento, quer com os restantes colegas da escola?

Entrevistada: Não senti qualquer tipo de colaboração. No final do ano , na altura da entrega dos portefólios, aí com mais duas colegas, nem são minhas colegas de grupo , um é de Educação Física , outro é das Ciências, reunimos um bocadinho e vimos como é que cada uma de nós estava a pensar fazê-lo. Trocámos algumas impressões, mas mais pelo formato e estrutura do portefólio do que por aquilo que cada uma de nós ia valorizar.

Eu: Em relação ao seu avaliador, teve oportunidade de partilhar e de trocar experiências pedagógicas com ele.

Entrevistada: Não!!!

Eu: Como avalia a sua capacidade e liberdade de decisão da sua avaliação de desempenho? Refira, por favor alguns exemplos.

Entrevistada: Nunca tive grande capacidade de manobra. Digamos, naturalmente que organizei as aulas como quis e utilizei os materiais que quis, dentro daquilo que são os recursos da escola. Agora, acho que sim, a esse nível tinha a possibilidade de decidir. Para a observação da aula, eu não pude escolher o momento em que queria ser avaliada (Matemática ou uma área específica dos alunos, ou na Língua Portuguesa). Foi-me marcada a hora e o dia e nessa hora eu tinha que fazer o que estava no horário dos alunos, pronto.

Eu: Muito bem!! No caso da sua escola, como avalia a capacidade e liberdade de decisão dos seus colegas avaliados?

Entrevistada: Era idêntica à minha. Foi igual para toda a gente. Marcava a hora para toda a gente, para depois assistir à aula. Penso que de alguma forma, houve pessoas que tal como eu,…se organizaram um bocado individualmente, até porque eramos todos de áreas diferentes. O único grupo em que havia mais do que um elemento era o de Educação Física. Agora, não sei se os colegas reuniram para trabalhar em grupo. O plano de aula também estava definido para toda a gente. Foi antecipadamente definido, depois a forma como o enchi, como o trabalhei, teve a ver com a pessoa que sou.

Eu: Muito bem!! Em todo este processo, o seu avaliador incentivou-o na tomada de decisões?

Entrevistada: Naquilo que era possível, mas eu não tive grande contacto com ela, a outros níveis também sou uma pessoa bastante autónoma, nem sequer recorri ao avaliador para pôr qualquer tipo de questão, eu estava no processo, li os documentos...

Eu: Estava informada?

Entrevistada: Acho que sim! Estava também num processo de investigação e portanto, foi dentro daquilo que me era possível. Na altura e numa reunião com o presidente da escola, percebi que as pessoas podiam continuar a trabalhar exatamente como estavam habituadas a fazê-lo, a diferença estaria apenas no plano de aula e teria aquilo que era equivalente ao satisfaz (Bom) De facto este processo mexeu comigo, até porque eu considero que faço o melhor que sei e posso e empenho-me. Disse para mim própria: eu vou solicitar aulas assistidas, pois não vou ter mais trabalho do que aquilo que tenho. Vou continuar a trabalhar ao mesmo ritmo. Só tenho de apresentar um plano de aula e vou ter alguém que vai assistir à minha aula, mas isso é uma coisa que não me preocupa. Acho que todos nós devíamos assistir ás aulas uns dos outros, porque considero que ao longo da nossa vida profissional, a perspetiva de uma outra pessoa é muito importante e só pode enriquecer o nosso trabalho e portanto desse ponto de vista não foi nada que alterasse a minha prática.

Eu: Muito bem !!! De um modo geral a avaliação de desempenho contribui para o desenvolvimento da sua autonomia profissional.

Entrevistada: Eu acho que deveria, mas como não foi uma avaliação formativa deu só para ter no final do ciclo uma nota. Com a qual eu posso concordar ou não e que corresponde àquilo que é o meu trabalho, mas isso é a minha opinião.

Eu: Neste caso concordou com a sua avaliação.

Entrevistada: Sim! De alguma forma, acho que se calhar poderia ter sido melhor.

Eu: Refletiu o seu trabalho? Este processo promoveu uma reflexão sobre as suas práticas docentes?

Entrevistada: Tenho por hábito fazê-lo. Eu acho. Se calhar não com a acuidade que fiz com outras pessoas que de um modo me obrigou a construir um portefólio, por exemplo, algo que nunca tinha feito a nível profissional. Agora, acho que podia ter sido mais rico. Também acho que a avaliação deveria ser sempre formativa.

Eu: De que modo se desenvolveu essa reflexão (Quais os momentos, os intervenientes e os instrumentos...)

Entrevistada: Essa reflexão foi basicamente feita na primeira pessoa e sozinha e isso porque nunca tive a ocasião de o fazer com os responsáveis pela minha avaliação, pois não era permitido.

Eu: Gostava de o ter feito?

Entrevistada: Eu gostava muito de o ter feito. Aliás, acho que deveria ser assim. Agora também percebo que as pessoas fiquem inibidas por não terem tido formação e sentirem-se preparadas para o poderem fazer.

Eu: Uma vez que fala em formação, a professora recebeu formação neste processo?

Entrevistada: Não! Eu achava que deveria ter feito formação, mas a formação era exígua e era só para as pessoas que iam ser avaliadores. Os avaliados não tiveram qualquer tipo de avaliação, pelo menos na minha escola.

Eu: Sentiu que o seu avaliador estava preparado para este processo?

Entrevistada: Senti! Embora eu ache que a formação não é apenas profissional. Acho que é também uma formação pessoal e para isso vamo-nos preparando ao longo da nossa vida.

Eu: Muito bem! Quais os efeitos da reflexão nas suas conceções e práticas de ensino-aprendizagem? Refira por favor alguns exemplos.

Entrevistada: Eu tenho sempre essa preocupação e este processo de avaliação não me fez nascer essa preocupação. Eu tenho sempre por hábito de pensar e refletir sobre o significado que tem aquilo que eu faço ao longo do dia, e neste caso (meninos da educação especial) penso muitas vezes. Ainda hoje, a preparar materiais para amanhã, perguntava-me se estas perguntas faziam algum sentido para estes meninos? Foi lançado agora um programa para os miúdos concorrerem a um concurso sobre “publicidade e os seus efeitos perversos “ Eu vou trabalhar isto com eles, mas de que forma? É que estes meninos têm muitas dificuldades. Não têm muita consciência do mundo que os rodeia e isso obriga-nos a uma grande adequação, que eu acho que é inerente

a qualquer processo de reflexão. Se esta reflexão não for feita antes, eu acho que tem de o ser forçosamente depois. Ou estes conteúdos são adaptados ou não faz qualquer sentido. Deste ponto de vista, eu acho que tenho feito esse exercício. Às vezes faço-o de uma forma mais aprofundada e claro até mais visível, outras vezes tenho muitas dificuldades. Tenho ainda muitas vezes dificuldade em conseguir adaptar algumas das coisas que quero trabalhar com os meus alunos ao nível de desenvolvimento em que eles estão, mas isso se calhar é uma coisa com que vou viver o resto da vida.

Eu: Muito bem! Qual é a importância da sua "autoavaliação" (obrigatória) na reflexão sobre as suas práticas?

Entrevistada: É fundamental! Eu acho que sem a autoavaliação nunca vou poder melhorar. Agora, eu posso fazer essa autoavaliação sozinha, contudo acho que é sempre muito pouco rica, porque é sempre tudo feito na 1ª pessoa e eu não sirvo de espelho a mim própria, por isso eu só posso melhorar se tiver um espelho e só o outro é que me serve de espelho. Era muito importante que houvesse formação nas escolas para todos, não só para avaliadores, mas também para avaliados. Enfim, estamos numa sociedade muito visual e é importante dar visibilidade ao que se faz. Agora acho que é importante que se tenha formação para que a prática profissional aumente preferencialmente…

Eu: Muito bem!!! Mais uma vez agradeço-lhe a sua colaboração. Obrigada!

Entrevistada: Bom trabalho para si!

Eu: Obrigada!

……FIM……..